

# TODOS TÊM DOZE ANOS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Um dos inconvenientes, e talvez dos mais graves, da vertiginosa fabricação de dinheiro para atender às despesas ainda mais vertiginosas do governo, é a dificuldade que o homem do povo tem de avaliar o preço das utilidades. Ninguém sabe o que é caro e o que é barato. Com moeda móvel, é preciso fazer cálculos, consultar estatísticas, para saber se o pão está caro ou barato, isto é, para saber se um determinado padrão social pode hoje comprar mais pão ou menos pão do que dez anos atrás. A carestia não é um regime em que tudo ficou mais caro, pois se tudo custasse mais cruzeiros, em igual proporção, tudo estaria na mesma, e o barbeiro poderia com-

prar a mesma quantidade de arroz, embora custassem contos de réis a barba e o cereal. O que caracteriza a carestia são as distorções, as variações desproporcionadas e injustas; e psicologicamente o que caracteriza tal regime é a tonteira que dá na cabeça do contribuinte vulgar. O povo fica completamente desnorteado e começa a fazer tolices. Aqui em nossa terra os estudantes dos diferentes graus têm monopolizado essa peculiar atividade. Vejam o caso das taxas escolares e da greve dos ginasianos. Já não são estudantes universitários que pretendem influir na política econômica do país, são ginasianos, meninos de treze ou doze anos que fazem greve e que discutem com o Ministro da Educação e com o Presidente da República. Eu sou pai contribuinte há mais de vinte anos. Paguei colégio para os dois filhos do primeiro casamento, que hoje têm mais de trinta anos; e paguei colégio para as quatro filhas do segundo casamento, uma das quais já se formou professora. Tenho a impressão de estar pagando colégio há mil anos.

Paguei em moeda do "ancien regime", o bom, o saudoso mil réis; e pago hoje em cruzeiros. Além disso conheço o outro aspecto do problema por ter sido criado em colégio e ter sido professor a vida inteira. Com esses dados, creio estar em melhor situação do que os meninos de doze anos para saber o que é caro e o que é barato em matéria de ensino. Ora, a convicção que tenho é que o ensino particular secundário está barato e não pode, sem prejuízo grave para o país, suportar a compressão que redundaria em aviltamento da qualidade. Filho meu que pretendesse entrar ou dirigir esta greve de crianças ouviria o seguinte pito: "Deixe o preço por minha conta. É bom que você saiba que me custa pagar o colégio, e espero que trate de aproveitar bem o que a família te proporciona". Serão bons estudantes os líderes desse movimento? Terão licença dos pais para tal? Eu duvido da objetividade dessa greve que todo o mundo está levando a sério. De um lado vejo onda, movimento infantil. De outro vejo uma sinistra conspiração para acabar com os colégios particulares. E achei de um doloroso, de um mortal ridículo o acolhimento que o Presidente da República deu à reclamação dos meninos. Prometeu voltar atrás, e pagar por fora aos colégios a diferença. Os meninos não gostaram, porque eles querem doer, querem fazer os colégios sentirem. Ou então o que querem eles? Na verdade, a impressão penosa que se tem é a de que os meninos acabam tendo razão, porque parece que nesta terra, a começar pela Presidência da República, todos têm doze anos.